

Pergaminho Científico

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O 9º ENCONTRO DE JOVENS CIENTISTAS

23 DE NOVEMBRO DE 2018 • Nº 10 • SALVADOR/BA



NONA EDIÇÃO DO ENCONTRO DE JOVENS CIENTISTAS BATE RECORDE DE INSCRITOS

Evento reuniu mais de 600 jovens da educação básica e promoveu discussões sobre mulheres na ciência e ciência como cultura

Em sua nona edição, o Encontro de Jovens Cientistas (EJC) bateu o recorde de inscritos: mais de 600 pessoas divididas em 25 instituições públicas e privadas do ensino básico. Este ano o evento tem o mesmo tema da Organização das Nações Unidas: 2018 - Ano Internacional da Mulher Rural. Além da ciência como cultura, que continua sendo a ideia propagada pelo Encontro, a maior discussão desta edição girou em torno das mulheres na ciência.

O EJC é promovido pelo Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica da Universidade Federal da Bahia e este ano esteve em vias de não acontecer: "Estamos vivendo uma crise sem precedentes na história do nosso país e foi um grande esforço realizar este evento, mas conseguimos", afirma Rejâne Lira, coordenadora do Encontro. De acordo com

a pesquisadora, a concretização do EJC em 2018 é uma manifestação de resistência frente a redução de recursos para as áreas de educação, ciência e tecnologia.

Conferências com mulheres cientistas, apresentações de experimentos, jogos, comunicações orais, vídeos e fotografias fizeram parte da programação de quatro dias do EJC, que mais uma vez foi realizado no

Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O sarau "A formação do povo brasileiro", do Colégio Anglo-Brasileiro, e o lançamento do livro "Histórias de Cada Um" e da Revista Jovem Cientista também fizeram parte da programação. Na Revista lançada foram publicados os artigos de trabalhos premiados na edição anterior do evento, em 2017.

No último dia foi a vez do Prêmio Jovem na Ciência, que congratulou os trabalhos com melhor avaliação da comissão científica. Para Rejâne Lira, mais uma vez, o evento cumpre o seu papel de divulgar a ciência com e para a juventude: "A nossa principal produção é, sem dúvida, testemunhar o crescimento dos estudantes, que muitas vezes chegam tímidos e inseguros, mas com brilho nos olhos e aqui se transformam movidos pelo desejo pelo conhecimento", conclui.



9º Encontro de Jovens Cientistas estimula jovens mulheres a seguir a carreira científica.

Editorial

Estimados Estudantes, Professores, Conferencistas, Pais e demais participantes, Estamos vivendo uma crise sem precedentes na história do nosso País e foi um grande esforço realizar este evento com e para vocês, mas conseguimos! Não há recurso para a educação, para a Ciência, nem para a Tecnologia e por isso mesmo precisamos lutar! Assim, é que temos o prazer de dar as boas-vindas, em Salvador da Bahia, a todos os participantes do Encontro de Jovens Cientistas (EJC), que esse ano está na sua nona edição. Continuamos com a nossa meta: a Ciência como Cultural!

A nossa principal produção é, sem dúvida, testemunhar o crescimento dos estudantes, que muitas vezes chegam tímidos e inseguros, mas com brilho nos olhos e aqui se transformam movidos pelo desejo pelo conhecimento. Mais de 800 jovens escolares passaram por nós e não importa quanto tempo ficaram, nem as suas produções, todos fizeram algo de inovador com sua juventude e energia. A eles e elas, o meu muito obrigada!

Às/aos Professoras (es), Diretoras (es) e Coordenadoras (es) Pedagógicas (os) da Educação Básica, Orientandas (os) da Graduação e da Pós-graduação, Estagiárias (os) e Bolsistas, parceiras (os) nesta jornada, a minha justa homenagem por acreditarem e construírem este sonho conosco.

Este é um Evento Científico, mas também Social Educativo e Cidadão. Aproveitem a Universidade Federal da Bahia, que abre as portas para nós com 72 anos de história, orgulho de todos os que moram na cidade do Salvador da Bahia, berço da ciência e da cultura na Bahia.



Prof.ª. Dr.ª. Rejâne Maria Lira-da-Silva

Coordenadora do 9º Encontro de Jovens Cientistas



ONU DECRETA 2018 COMO ANO INTERNACIONAL DA MULHER RURAL

Seguindo a tradição de decretar os temas dos anos internacionais, a Organização das Nações Unidas determinou 2018 como o Ano Internacional da Mulher Rural. O intuito da iniciativa é discutir medidas concretas de empoderamento de mulheres dos ambientes rurais e urbanos e reconhecer as ativistas que têm se empenhado na busca para a reivindicação de direitos.

Uma das discussões relacionadas ao Ano da Mulher Rural está no fato de que essas mulheres cultivam a terra e plantam sementes para alimentar as populações, além de garantir a segurança alimentar das suas comunidades. Ainda assim elas estão atrasadas em muitos aspectos em relação aos homens rurais e às mulheres urbanas por conta das desigualdades de gênero e discriminação, que estão arraigadas.

Durante o dia 08 de março

deste ano a ONU Mulheres trabalhou ações com o tema "O tempo é agora: ativistas rurais e urbanas transformam a vida das mulheres". As iniciativas estão em consonância com o objetivo de igualdade de gênero da pasta de Objetivos do Desenvolvimento Sustentável com o intuito de trabalhar para o acesso dessas mulheres à terra e aos bens produtivos, à segurança alimentar e à nutrição, ao trabalho decente, à educação e à saúde.

O 9º Encontro de Jovens aderiu ao tema da ONU e deu ênfase às discussões sobre mulheres na ciência, enfatizando a necessidade das jovens que estão na educação básica adentrarem ao mundo da pesquisa científica. Muitos trabalhos trazidos pelas crianças e adolescentes abordaram questões afins, como a presença feminina em carreiras científicas de áreas majoritariamente feminina e a desigualdade salarial entre gêneros.



ENTREVISTA: ÍISIS CONCEIÇÃO



“PRECISAMOS QUE SE PENSE FORA DA CAIXINHA”.

Pesquisadora das áreas de Direito Internacional, Direito Constitucional, Direitos Humanos, Direito do Consumidor, Direitos da Criança e Justiça Racial, Íisis Conceição será uma das conferencistas a falar no Encontro de Jovens cientistas em comemoração a 2018 como Ano Internacional da Mulher Rural. Em entrevista, Íisis contou sobre a sua trajetória profissional e acadêmica, sonhos, dificuldades e deixou uma grande mensagem de estímulo aos jovens cientistas. Confira!

EJC - Além de ser uma servidora pública do Direito você também é uma pesquisadora da área. Em que momento da vida decidiu que esse era o campo que queria seguir?

Sim, eu sou uma profissional do Direito com sólidas experiências técnica e acadêmica jurídicas. A minha “simpatia” com a advocacia, ou seja, abraçar uma causa em defesa de algo que acredito, vem desde a minha infância. Me recordo de ouvir do advogado da colônia de férias do sindicato dos metalúrgicos do ABC, quando eu tinha uns 8/9 anos, que eu tinha eloquência de advogada. No colegial, eu me dei muito bem com as disciplinas exatas, me destacava nas feiras de ciências com meus projetos e, por isso, no momento do vestibular optei inicialmente por engenharia química, para especializar-me em engenharia de alimentos, e tinha como segunda opção engenharia de materiais. Acontece que o medo da escolha de uma profissão pra vida e uma conversa com minha mãe me fizeram recordar dos “sábios ensinamentos” de Paulo Coelho: “a primeira profissão que você escolhe é a que você realmente quer”. Por isso prestei direito, mas aquela curiosidade científica da menina que misturava cãndida com água do pé de bananeira para fazer um super manchador de roupas nunca deixou de existir em mim.

A pesquisa em Direito me permitiu me aproximar da ciência jurídica e alegrar aquela curiosidade permanente. No primeiro ano da faculdade na UNESP já trabalhava para o IBGE e era orientada pelo professor de Processo Penal, o primeiro negro a formar-se na minha universidade em direito e o primeiro brasileiro a doutorar-se em direito em Coimbra. No decorrer da graduação, fiz pesquisa e extensão trabalhando ou com bolsa (fui bolsista da reitoria, monitora de sociologia e economia, bolsista do Pibic e bolsista da FAPESP, além de fundar o grupo de pesquisa e extensão no campus NUPE, atuar no Juizado Especial, editora da revista de acadêmicos e comissões da universidade). Saí da graduação aprovada em concurso do Tribunal de Justiça e lá aprendi a técnica e prática que os bancos universitários não ensinam. Ao mesmo tempo em que trabalhei fiz a minha especialização em Direitos Humanos, o mestrado em Direito do Estado e os créditos do Doutorado, mestrado e doutorado sob orientação da primeira e única mulher negra a ser professora da Faculdade de Direito da USP. Já na época do mestrado, 2009, comecei a dar aulas em faculdades privadas, mini cursos e palestras e percebi que não poderia ficar só no espaço da linha de produção que são os Tribunais e dos movimentos sociais (trabalhei durante mais de 10 anos para a Educafur, fundamos a pessoa jurídica mantenedora do projeto, e fundei também o IDDAB (Instituto de Desenvolvimento da Diáspora Africana no Brasil)).

Mesmo quando estive na mais alta corte do país percebi que um algo de linha de produção fordista impedia o necessário “pensar” aprofundado e crítico. Naquele momento concluí que tão importante quanto ser alguém que tem poder de decisão é que quem aconselha aquele que decide também tenha formação crítica. Terminou por reafirmar o que aprendi no meu mestrado em Teoria Crítica Racial na UCLA, “um professor tem muito mais poder de impacto e transformação social ao formar profissionais do direito críticos e sensíveis”. Então, eu devo admitir que não consegui escolher, pois a técnica precisa de saber produzido para legitimar suas demandas transformadoras. E os pensadores têm que saber os limites da prática, de forma a não produzirem saber pouco útil às necessidades dos grupos sociais que atuam nos espaços institucionais. É por isso que acredito não ter escolhido e nem creio ser necessário escolher. É essa não escolha, somada ao meu perfil hiperativo, que me permite atuar em tantos espaços jurídicos.

EJC - Enfrentou dificuldades para chegar onde está hoje em sentido acadêmico e profissional? Se sim, quais foram essas dificuldades e como conseguiu resolvê-las?

Sim, dificuldades sempre existem para todos na vida, comigo não foi diferente e consigo identificar algumas das que encontrei. Se partirmos da premissa de injustiças geracionais, por exemplo, considerando que meu pai é um homem negro, analfabeto, que saiu de região rural do interior da Bahia para conseguir um emprego melhor em São Paulo e que minha mãe, que começou a trabalhar como doméstica aos 8 anos, conseguiu concluir a quarta série do antigo ensino primário aos 17 anos e teve que parar de estudar para focar no trabalho como doméstica, podemos já assumir que as

possibilidades de orientação sobre saber formal dos meus pais foram restritas, pois eles não tiveram acesso à educação formal e a lógica das instituições. Entramos, eu e meu irmão, nesses espaços com a cara e a coragem como os primeiros das famílias fazem. Então, a esses elementos de capital cultural somaram-se os de capital econômico, os de capital social (pois somos pretos em uma sociedade pós escravista racialmente estruturada) e, claro, de gênero. Assim, o conceito de “ciclo repetido de desvantagens competitivas”, que o Ministro Joaquim Barbosa trouxe ao plenário do STF durante o julgamento das cotas em maio de 2012, aplica-se a minha trajetória, quando paro para pensar nas dificuldades resultantes de violências e micro violências que enfrentei e enfrento no meu cotidiano.

Quando eu recebi a minha bolsa para estudar em Montreal, no instituto Equitas, a minha coordenadora no TJ SP não autorizou o meu afastamento para participar daquele curso, que era também um reconhecimento acadêmico, tive que recorrer à presidência do Tribunal. Quando recebi a bolsa do PNUD para atuar junto a missão do Brasil na ONU de Genebra o Desembargador com quem trabalhava não autorizou meu afastamento, tive que recorrer à presidência, novamente. Quando no Rio de Janeiro fui conversar com a advogada da CEJIL, para ter acesso aos documentos do “Caso Simone Diniz”, que já tinha sido julgado 8 anos antes e que eu estudava, ela foi confortavelmente grosseira comigo e negou o acesso sem qualquer justificativa (Eu depois participei de uma banca de TCC da vizinha da Simone Diniz e tive acesso as cópias de todo o inquérito, porque o que é pra ser é e não caminhamos sozinhas”).

Mas, sim, tudo é menos fácil para uma mulher negra “fora do seu devido lugar”, muitas pessoas sentem a necessidade de dificultar as coisas em razão do incomodo cognitivo causado pela minha trajetória. Pessoas brancas e negras, homens e mulheres. Que manifestam sua admiração da forma mais oposta possível, com o sentimento de inveja (se não tenho, o outro também não terá). Encarar essas repetidas violências, que são mais intensas quanto mais consciente nos tornamos da não naturalidade de determinados comportamentos, aparentemente neutros e piadas, inocentes, para conosco é um desafio que suporto com o apoio familiar e da minha sólida rede de amigos queridos. Minha família nuclear, meu pai, minha mãe e meu irmão são fortes apoiadores da minha “vida com qualidade”.

Eu devo admitir que a solidez da minha família, mesmo em face de marcada humildade econômica e cultural, é um privilégio raro neste país. Uma segurança a mais que me permite valorizar o saber daqueles mais velhos que não tiveram chance de estudar, mas que sabem muito. Como eu disse na minha entrevista de conclusão de curso na UCLA Law: “Aqui eu apenas encontrei fundamentação teórica para o que aprendi com meus pais e meus pais aprenderam com seus pais...”. A minha rede de amigas também são um apoio marcante, são muito maduras emocionalmente, solidárias e respeitadas, algumas são professoras universitárias em universidades federais, outras técnicas do direito (juízas, promotoras, analistas), outras estrangeiras das minhas experiências no exterior. Apesar de estarmos distantes elas conseguem fazerem-se presentes e me ajudar com o meu processo de recuperação das repetidas agressões e violências cotidianas.

EJC - Você atua em muitas especialidades do Direito. Existe alguma delas que pessoalmente considera mais gratificante de trabalhar/pesquisar?

Sim, a área de Direitos Humanos, área veículo para que eu pudesse recepcionar em nosso sistema de Civil Law uma teoria de Common law, é mesmo transversal e multidisciplinar. Não está somente presente em diversos ramos do Direito, Penal, Processual Penal, Direito Civil, Direito Tributário, mas necessita, também, do saber histórico, sociológico, psicológico, antropológico, dentre outros saberes. A área que eu posso dizer que me realiza é aquela que eu tento estruturar desde o meu primeiro ano da graduação e que batizei de “Justiça Racial”. É uma ambição de produzir saber no direito que seja útil e não mais críticas para ouvidos surdos, um saber que viabilize um diálogo profícuo com quem está instrumentalizando a máquina. Para termos uma atuação transformadora precisamos que se pense fora da caixinha (filosofia do direito), que se produza categorias em diferentes áreas do saber jurídico (dogmática) e que este saber seja de instrumentalização (processo e procedimento) viável. Ocorre que para pensar tudo isso, um sistema inteiro, é necessário primeiro saber teoria e prática sobre

o sistema e, depois, fazer o giro epistemológico com segurança, para que o saber produzido continue sendo do direito (jurídico) mas não reproduza as estruturas de injustiça.

EJC - Estamos no Ano Internacional da Mulher Rural pela Organização das Nações Unidas. O intuito é discutir maneiras concretas de empoderar as mulheres das áreas rurais do mundo. Como pesquisadora dos Direitos Humanos teria sugestões de como isso pode ser feito?

As demandas das mulheres que moram em região rural, são típicas demandas interseccionais. A categoria, cunhada pela professora Kimberlé Crenshaw, minha orientadora na UCLA Law, foi idealizada tentando destacar que direitos humanos das mulheres precisam ser atentos para o fato de que as mulheres não são universais. A diversidade também se faz presente nas necessidades resultantes da identidade de gênero. Nesse sentido, por exemplo, algumas dinâmicas que se impõe em razão da interseção de gênero e localização geográfica, como a necessidade de desenvolver fontes de renda relacionadas ao trabalho rural, o estímulo possível ao empreendedorismo no artesanato, a educação para esse empreendedorismo e trabalho. São exemplos de intervenções especificadas de políticas públicas que buscam promover Direitos Humanos das mulheres da região rural a partir de uma compreensão metodológica interseccional. Isso porque, se nos atemos somente as demandas de uma ideia de “mulher universal”, poderíamos identificar como prioridade o debate sobre o direito ao aborto, quando esse debate também é importante para essas mulheres, no entanto, garantido esse direito, um sistema único de saúde ainda não alcançou para efetivar essa “conquista da mulher universal”, então, para essas mulheres, um olhar atento aos seus desafios específicos permitirá que possam gozar de seus direitos humanos e fundamentais de forma plena, sem obstáculos sejam estes por serem mulheres, sejam por serem elas mulheres em região rural.

Como educadora em Direitos Humanos, acredito imensamente, que direitos não reconhecidos como direitos não são sedimentados como conquistas. Assim, parte do processo de empoderamento também passa por viabilizar maior acesso a educação e informação para essas mulheres, de forma que elas saibam quem são, onde estão e tomem consciência dos seus potenciais políticos econômicos.

EJC - Como profissional e pesquisadora dos direitos de diferentes grupos, o que ainda gostaria de fazer? Aonde ainda gostaria de chegar?

Boa pergunta. A minha trajetória é ampla, diversa e complexa, difícil para muitos fora da teoria crítica racial do direito entenderem, no entanto, sempre mantive como eixo de observação a teoria crítica racial. Acontece que já trabalhei em todos espaços jurídicos possíveis. Como assistente de juiz, de desembargador, de ministro de Suprema Corte. Já assisti secretários em Missão junto a ONU de Genebra, já pesquisei e estudei nos EUA, Canadá e Alemanha, sempre sobre raça e às vezes em Direitos Humanos. Tudo isso com bolsas do governo do Estado de São Paulo, bolsas da ONU (PNUD), bolsas do governo canadense ou bolsas do governo americano.

Sinceramente, ando pensando muito em férias, em viagens de lazer e escrita de algumas sistematizações dos meus pensamentos recentes e “antigos”. Meu primo de consideração outro dia repetiu para mim no carro uma frase que minha mãe me diz, sempre que confidencio a ela por telefone que algo me irritou no trabalho: “você não foi lá pra isso”. Acho que era aqui que eu queria chegar, fez parte dos meus planos, pelo menos é como me sinto neste momento da minha vida.

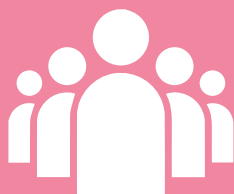
EJC - Que mensagem de estímulo deixaria aos jovens que estão descobrindo as suas vocações e querem ser profissionais e pesquisadores que farão a diferença para o nosso país?

“Perca tudo, menos a piada!” Brincadeira.

Levem a vida com equilíbrio. Busquem encontrar esse eixo dentro de vocês, mas não esqueçam de que não somos ilhas. A manutenção desse equilíbrio, quando achado, dependerá da nossa habilidade de não entrar no caos do outro, mas de trazê-lo para a nossa paz.

SE LIGUE: É IMPORTANTE TER ÉTICA NO TRABALHO CIENTÍFICO!

O Encontro de Jovens Cientistas foi o momento de apresentar o trabalho no qual você se empenhou durante um bom tempo. Como você sabe, este é um evento científico e a produção de todo trabalho científico tem regras éticas importantes! Você sempre será responsável por todos os impactos causados pela sua pesquisa, por isso, preste atenção em algumas orientações para que os seus trabalhos fiquem ainda melhores e mais seguros:



Se a sua pesquisa envolve seres humanos, é importante garantir o anonimato das pessoas. Nunca devemos revelar a identidade dos entrevistados. Também não é ético mostrar fotos dessas pessoas, ou falar coisas sobre elas que possam identifica-las!



Para que alguém faça parte da sua pesquisa, ele sempre deve ser convidado e aceitar livremente. É essencial que essa pessoa assine um termo de consentimento livre e esclarecido no qual está escrito tudo que acontecerá na pesquisa. Se a pessoa for menor, ela deve assinar um termo de assentimento, que deve ser escrito numa linguagem fácil de entender, e os seus responsáveis assinam o termo de consentimento livre e esclarecido autorizando a participação.



Experimentos que envolvem testes com produtos em seres humanos ou em animais não devem ser realizados. Além disso, nenhum dano físico ou psicológico deve ser causado a pessoas ou animais. Cuidado para não expor alguém a situações constrangedoras.



Quando a sua pesquisa for de comparação, é importante destacar os aspectos positivos e negativos de todos os lados e compreender quais as condições que fazem com que as coisas sejam como elas são. Pesquisas responsáveis e cuidadosas não podem dizer que uma coisa é boa e a outra é ruim sem levar em conta todos os aspectos, incluindo o contexto social.



CONHEÇA AÇÕES DE EDUCAÇÃO, CULTURA E CIÊNCIA QUE SÃO PARCEIRAS DO ENCONTRO DE JOVENS CIENTISTAS!

Se é a primeira vez que você participa do Encontro de Jovens Cientistas (EJC) ou não, deve saber que quem promove esse evento é o Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica da Bahia, um projeto que nasceu no Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E tem mais coisas que você precisa saber: esse projeto, que é chamado carinhosamente pelos seus integrantes de CAM (por causa de um nome antigo que ele tinha) não só promove esse super evento que você está participando, como também outras ações sociais. A agenda de atividades em 2018 foi intensa e queremos que você saiba de tudo!

O CAM é parceiro da Sala Verde da UFBA, um programa de educação ambiental que também nasceu no Instituto de Biologia. Eles são coordenados pela professora Rejane Lira e estão sempre juntos em todas as atividades! Para ficar ainda melhor, esses dois programas foram transformados numa disciplina da UFBA que se chama Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade BIO A82 (ACCS). Sabe o que é bom nisso? Sempre tem gente nova para participar da construção das atividades! Agora que você já sabe como tudo funciona, entenda o que rolou de ação neste ano de 2018.

Ações de Educomunicação em 2018 – As ações educativas de 2018 aconteceram

em duas cidades do interior da Bahia: São Francisco do Paraguaçu, distrito de Cachoeira, e Lençóis, na Chapada Diamantina. A proposta principal de todas elas tem com base na Educomunicação, uma área de conhecimento que alia a Educação com a Comunicação. Com as crianças, adolescentes e jovens dessas comunidades foram construídos e lançados o Jornal Salinha Verde, edições 3 e 4, e programas de rádio curtos com as temáticas sugeridas pelos participantes.

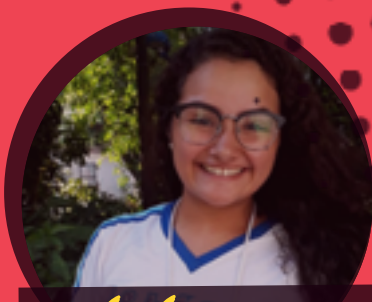
Além dos jornais, as comunidades participaram da oficina “Histórias de Cada Um”. Cada um dos participantes contou a sua história, desde a infância, buscando registros antigos, histórias marcantes e relações com as suas comunidades. Esse trabalho de reconhecimento gerou duas edições do livro “Histórias de Cada Um, um construídos pelas crianças e adolescentes da comunidade de São Francisco do Paraguaçu, lançado durante o 9º Encontro de Jovens Cientistas, na UFBA, e outro produzidos pelos jovens de Lençóis e que será lançado na própria comunidade em dezembro de 2018.

Ao construir e participar destas iniciativas com e para a juventude, o Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica da Bahia continua com o seu ideal de promover a ciência como cultura. Além disso, incorpora o intuito de promover espaços de ação, reflexão e expressão para incentivar a juventude à entrada na universidade e à mobilização a favor das suas comunidades.

Para consultar os materiais acesse www.salaverdeufba.wordpress.com.



#EUSOUJOVEMCIENTISTA



Com a experiência do evento vou adquirir conhecimento pra futuramente, dentro de uma faculdade ou Universidade. Gostei muito dos conteúdos e das palestras!

Maria Heloisa Martins Gomes Bezerra

Colégio Santo Antônio de Jesus – Santo Antônio de Jesus, Bahia

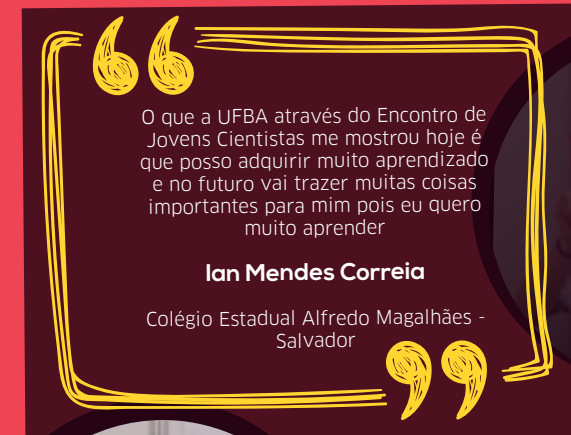


O Encontro de Jovens Cientistas me influencia agora pois posso cada vez mais criar conhecimento em minha vida, e no futuro porque eu penso em fazer parte da

área de biologia.

Maria Isabela Carvalho

Colégio Antônio Vieira - Salvador



O que a UFBA através do Encontro de Jovens Cientistas me mostrou hoje é que posso adquirir muito aprendizado e no futuro vai trazer muitas coisas importantes para mim pois eu quero muito aprender

Ian Mendes Correia

Colégio Estadual Alfredo Magalhães - Salvador



É uma experiência única e que no futuro vai ser muito bom para o meu currículo

Bernardo Borges dos Santos

Colégio Anglo Brasileiro - Salvador



O Encontro de Jovens Cientistas me ajudou a ver que eu tenho um potencial eu posso usar tanto agora como o meu futuro e me ajudou a perceber que todos nós temos a possibilidade de criar e até mesmo de conseguir alcançar os nossos sonhos.

Limeci Vidal dos Santos

Colégio Estadual Ana Cristina Prazeres Mata Pires



Vou levar isso aqui como uma experiência para vida todo pois me acrescentou muito como estudante e como pessoa.

Danilo Mascarenhas de Cerqueira Santos

IFBA - Feira de Santana